

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Páscoa e benefícios sociais impulsionaram o consumo

Abras: consumo dos lares sobe 1,25% em abril

O consumo nos lares brasileiros aumentou 1,25% em abril em relação a março, segundo levantamento da Associação Brasileira de Supermercados (Abras). Além da alta anual de 2,63%, o acumulado do ano, até abril chegou +2,52%.

O crescimento de abril foi impulsionado, em grande parte, pela sazonalidade da Páscoa e pela liberação de benefícios

sociais e trabalhistas.

Segundo o vice-presidente da Abras, Marcio Milan, embora pareça “modesto”, o o aumento é sobre uma base elevada de março. Os fatores que mais contribuíram para o desempenho de abril: liberação escalonada de R\$ 12 bi do saque-aniversário do FGTS e o repasse de R\$ 13,66 bilhões do Bolsa Família a mais de 20 milhões de famílias.

Rol

Nesse rol, além do pagamento do auxílio-gás; saque do PIS/Pasep e antecipação da 1ª parcela do 13º salário a aposentados e pensionistas do INSS, no segundo trimestre (2T25), há o reajuste dos servidores públicos federais e o pagamento do 1º lote de restituição do IR.

Cesta

A Abras aponta que o preço da cesta de 35 produtos de largo consumo subiu 0,82% em abril, passando de R\$ 812,54 para R\$ 819,20. Em 12 meses, o aumento acumulado é de 10,83%. Itens como café (4,48%), feijão (2,38%) e leite longa vida (1,71%) puxaram a alta.



Lícia Rubinstein - IBGE

Alta do índice no ano é de 0,74% e de 7,02%, em 12 meses.

‘Inflação do aluguel’ inverte o sinal e deflaciona 0,49%

Principal indexador de reajuste de locações, o IGP-M (Índice Geral de Preços – Mercado), também chamada de ‘inflação de aluguel’ apresentou deflação de 0,49% em maio, invertendo o sinal, ante a alta de 0,24% em abril. Com esse resultado, o índice acumula alta de 0,74% no ano e 7,02% nos últimos 12 meses. Em maio de 2024,

o IGP-M registrou uma alta de 0,89% no mês.

“Nos preços ao produtor, a expectativa positiva em relação ao volume da safra atual pressionou para baixo os preços de milho, soja e arroz, contribuindo para a queda das matérias-primas brutas agropecuárias”, afirma o economista do Ibre/FGV, Matheus Dias.

IPA

Em maio, a taxa do Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) caiu 0,82%, em contraponto à alta de 0,13%. Considerando diferentes estágios de processamento, há o exemplo do grupo de Bens Finais que desacelerou para 0,61% em maio, após alta de 0,91% em abril.

IPC

Já o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) desacelerou em maio (0,37%), ante abril (0,46%). Quatro classes das oito classes de despesa caíram: Alimentação (0,46%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,79%), Comunicação (-0,58%) e Educação, Lazer e Recreação (-0,60%).

INCC

O INCC subiu 0,26% em maio, após crescer 0,59% em abril. Houve desaceleração dos três grupos do INCC: Materiais e Equipamentos inverteu sua taxa de 0,35% para -0,12%; o grupo Serviços desacelerou de 0,50% para 0,40%; e o grupo Mão de Obra recuou de 0,91% para 0,72%.

Consignado

A taxa anual de juros do consignado privado passou de 44% para 59,1% entre março e abril, o maior patamar da série histórica do BC, iniciada em março de 2011. Já a taxa de juros anual do consignado total (beneficiários do INSS e servidores públicos) passou de 26% para 27,2%.

Agro deve liderar o avanço do PIB no primeiro trimestre

Mercado prevê que o setor primário poderá crescer 1,7% no período

Por Marcello Sigwalt

Não é a indústria, serviços e muito menos o varejo comercial que devem impulsionar o crescimento da ‘monetariamente apertada’ economia nacional no primeiro trimestre do ano (1T25), o que atesta sua grande resiliência, ante o desequilíbrio fiscal ‘patrocinado’ pela gastança federal.

A expectativa positiva em torno do desempenho do setor primário decorre de consulta a economistas, realizada pelo site Exame, cujo diagnóstico decorre da ‘surpresa’ apresentado pelos dados surpreendentes, no primeiro terço de 2025.

Na avaliação de especialistas é factível esperar um crescimento mais acentuado nesse primeiro semestre (1S25), que deve conferir maior destaque ao desempenho do Agro, em pesquisa a ser divulgada nessa sexta-feira (30) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). De acordo com projeções do mercado, o Agro deve registrar avanço entre 1,2% e 1,7% no 1T25 ante



Secretaria de Agricultura SP

Mais acanhado no ano anterior, Agro mostra força, ‘puxando’ a economia em 2025

o anterior (4T24), que houve recuo de 0,2%. Também reforça a expectativa progressiva da economia as estimativas recentes do boletim Focus para o PIB deste ano, que passaram de 2,02%, inicialmente, para os atuais 2,14%.

Muito ‘otimista’ é, também, a previsão manifesta pelo relatório do banco BTG Pactual

– assinado por Alvaro Frasson, Arthur Mota, Lorena Laudares e Victor Amaral – que prevê, com base em “forte crescimento na margem” de uma expansão trimestral de 1,6% e anual – mesmo trimestre de 2024 (1T24) de 3,1%. O documento acrescenta que “o PIB deve confirmar a resiliência da economia no início do ano, apoiado

pelo mercado de trabalho ainda resiliente”.

Na mesma direção, a avaliação do economista do banco Daycoval, Antonio Ricciardi, é de que o Brasil cresça 1,7% no 1T25 e avance 3,2%, em comparação com igual trimestre de 2024 (1T24), grande alavanca da pelo agronegócio, cuja alta deve atingir 11%.

Juros sobre rotativo atingem 443,3%

O juro médio total cobrado pelos bancos no rotativo do cartão de crédito caiu 0,4 ponto porcentual (pp) entre março e abril, de 443,7% para 443,3% ao ano, informou o Banco Central.

A taxa do parcelado passou de 181,1% para 178,9% ao ano. Considerando o juro total do cartão de crédito, que leva em conta operações do rotativo e do parcelado, a taxa passou de 85,7% para 85,9%.

O Congresso definiu em lei que os juros do rotativo e do parcelado não poderiam ultrapassar 100% do principal da dívida. O teto para os juros e encargos da modalidade passou a valer em janeiro de 2024.

As taxas apresentadas pelo BC podem sugerir que os bancos estejam descumprindo a lei, mas o que acontece é apenas um registro estatístico.

Para chegar às taxas anuais, o BC extrapola o juro cobrado

ao mês pela instituição financeira para o ano. Essa taxa nem sempre é efetivada, já que os consumidores normalmente ficam “pendurados” no cartão por apenas dias ou semanas.

O BC não pretende descontinuar essa série histórica, referência para mostrar a velocidade de aumento ou redução dos juros.

Crédito livre – A taxa média de juros no crédito livre passou de 43,6% em março para 45,3%

em abril, informou o Banco Central. Em abril de 2024, a taxa era de 40,2%. O juro médio do crédito livre para pessoas físicas saiu de 56,3% em março para 57,4 % em abril.

A taxa média cobrada das empresas foi de 23,6% para 26,0% no mesmo período de comparação. A taxa do cheque especial passou de 132,2% (dado revisado) para 135,5% de um mês para o outro. Já a do crédito pessoal total saiu de 48,1% para 49,5%.

País mantém 7,3 mi de desempregados

A taxa de desocupação no Brasil para o trimestre de fevereiro a abril de 2025 foi de 6,6%, mostrando estabilidade em relação ao trimestre de novembro de 2024 a janeiro de 2025 (6,5%) e queda anual para igual trimestre, apontam dados da PNAD Contínua Mensal, divulgados, nessa quinta-feira (29) pelo IBGE.

Já o contingente de trabalhadores com carteira assinada no setor privado atingiu patamar recorde (39,6 milhões), registrando crescimento de 0,8% em relação ao trimestre anterior e de 3,8% ante igual trimestre do ano passado.

A taxa composta de subutilização da força de trabalho (percentual de pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadass e na força de trabalho potencial em relação à força de trabalho ampliada) ficou em 15,4%, resultado também considerado



Rovena Rosa - Agência Brasil

Taxa estável ‘não paga’ sobrevivência de milhões vulneráveis

estável na comparação trimestral (15,5%). Na comparação anual, houve queda de 2,0 p.p.

De fevereiro a abril de 2025, cerca de 7,3 milhões de pessoas estavam desocupadas no país. Frente ao trimestre móvel anterior (novembro de 2024 a janeiro de 2025), no

qual 7,2 milhões de pessoas não tinham ocupação, esse indicador ficou estável.

Para igual trimestre de 2024, quando existiam 8,2 milhões de pessoas desocupadas, houve recuo de 11,5% - menos 941 mil pessoas desocupadas na força de trabalho.

A quantidade de pessoas ocupadas no trimestre findo em abril deste ano era de 103,3 milhões, significando estabilidade em relação ao trimestre anterior. Na comparação anual, quando havia no Brasil 100,8 milhões de pessoas ocupadas, ocorreu alta de 2,4% (mais 2,5 milhões de pessoas).

O nível da ocupação (percentual de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar) atingiu 58,2%, ficando estável ante o trimestre de novembro de 2024 a janeiro de 2025 (58,2%). Ante o trimestre do ano anterior (57,3%), esse indicador teve variação positiva de 0,9 p.p.

“A estabilidade nas taxas de desocupação e subutilização confirma o que o primeiro trimestre apontou, ou seja, uma boa capacidade de absorção dos empregos temporários constituídos no último trimestre de 2024”, explica o analista da pesquisa, William Kratochwill.

FGV: melhora a confiança nos serviços

O setor de serviços apresentou melhora na confiança em maio, puxada por uma calibragem nas expectativas. No entanto, o cenário segue incerto, ainda insuficiente para reverter completamente a piora vista no mês anterior, informou a Fundação Getulio Vargas (FGV).

O Índice de Confiança de Serviços (ICS) cresceu 1,5 ponto na passagem de abril para maio, na série com ajuste sazonal, para 91,9 pontos. O

resultado sucede uma perda de 2,5 pontos em abril ante março. Em médias móveis trimestrais, o ICS teve elevação de 0,1 ponto em maio.

“Após um resultado negativo no mês passado, a confiança de serviços volta a subir em maio, influenciada, principalmente, pela compensação nas expectativas futuras do setor, que voltam a subir. Por outro lado, o resultado dos indicadores sobre a demanda presen-

te é modesto e heterogêneo, oscilando nos últimos meses, sobretudo no setor de serviços prestados às famílias”, avaliou o economista do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV) Stéfano Pacini.

Em maio, o Índice de Situação Atual (ISA-S) subiu 0,4 ponto, para 94,2 pontos. O Índice de Expectativas (IE-S) teve elevação de 2,6 pontos, para 89,8 pontos.

“Mesmo com o aquecimen-

to do mercado de trabalho no primeiro trimestre, a tendência da confiança de serviços ainda não reverteu, apenas reduziu a queda. O cenário macroeconômico segue incerto para as empresas, que podem se deparar com um segundo semestre de desaceleração da atividade e um ambiente que aponta para pressões nos preços, política monetária contracionista e aumento da incerteza econômica”, completou Pacini.